ISSN 1982-3541
2013, Vol. XV, nº 1, 4-19

Revista Brasileira
de Terapia Comportamental
e Cognitiva

Comportamentos-problema de uma criança vítima de abuso sexual*

Problem behaviors of a child victim of sexual abuse

Marina Rodrigues Novais ✉
Ilma A Goulart de Souza Britto ✉✉

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

RESUMO

O presente estudo analisou funcionalmente comportamentos-problema, como fazer birra, desobedecer, emitidos por uma criança que fora vítima de abuso sexual. Para o controle experimental foi empregado o delineamento de múltiplas condições com três condições principais: *atenção*, *sozinha* e *controle*. As condições de *atenção* e *sozinha* foram divididas em outras subcondições. Os resultados demonstraram que a atenção social controlava os comportamentos inadequados da participante. Para o programa de tratamento, optou-se pelo uso do delineamento de reversão-replicação do tipo ABAB seguido de *follow-up*. Esse constituiu de uma fase de linha de base I (A), seguida da fase de intervenção (B), outra fase de linha de base II (A), seguida por outra fase de intervenção II (B). Para a intervenção, foi usado o reforçamento diferencial de comportamento alternativo (DRA), um procedimento que envolveu o reforçamento positivo de comportamentos alternativos adequados que são topograficamente diferentes dos comportamentos inadequados, combinado com a sua extinção (EXT). Por meio da intervenção houve um aumento na frequência dos comportamentos adequados, diminuindo-se a frequência dos comportamentos inadequados, podendo-se demonstrar a eficácia do programa de tratamento.

Palavras-chave: análise funcional; intervenção comportamental; abuso sexual.

* Parte da Dissertação de Mestrado da primeira autora sob a orientação da segunda apresentada à PUC Goiás.

✉ marinanovais@hotmail.com ✉✉ psyilma@terra.com.br.

ABSTRACT

In the present study functional analysis of problem behaviors such as tantrum and disobedience issued by a child who was sexually abused was done. The experimental control procedure was delimitated multiple conditions. The conditions were: attention, alone and control. The conditions of attention and alone have been subdivided. Results showed that social attention controlled the inappropriate behavior of the participant. For the treatment program, it was used a design ABAB reversal with follow-up, with a baseline phase (A), followed by the intervention phase (B), another baseline phase II (A), followed by a new intervention phase (B). For the intervention, it was used a differential reinforcement of alternative behaviors (DRA), a procedure involving positive reinforcement of appropriate alternative behaviors, which are topographically different from inappropriate behaviors, combined with its extinction. Through the intervention there was an increase of appropriate behaviors frequency and decrease of inappropriate behaviors frequency, making it possible to demonstrate the effectiveness of the treatment program.

Keywords: functional analysis; behavioral intervention; sexual abuse.

O abuso sexual infantil ocorre quando uma pessoa adulta faz uso do corpo de uma criança ou adolescente como objeto sexual. Quando há envolvimento de crianças e adolescentes em atividades sexuais para as quais eles não estão aptos ou não compreendem o que se passa, configura-se o abuso sexual infantil, o que fere as regras sociais e familiares (Braun, 2002). Pires Filho (2009) define o abuso sexual como ataque à criança, violação de direitos e danos provocados no processo de desenvolvimento infantil.

Williams (2002) afirma que o abuso sexual é um estressor generalizado. Uma experiência traumática que produz como consequências: insegurança, ansiedade, medo, conflito, raiva, culpa, vergonha, dependência e desconforto nas relações íntimas. O efeito dessa experiência repercute sobre a criança vítima do ataque sexual, pois ela ainda não possui independência emocional e maturidade para consentir qualquer tipo de contato dessa natureza (Ferrari, 2002).

A criança vítima de abuso sexual pode desenvolver respostas sensoriais após a violência sexual, como as de que o corpo está sujo, bem como os seus genitais. Isso porque o condicionamento respondente tem sido implicado na aquisição de várias respostas emocionais, inclusive as que se seguem à violência sexual (Sturmey, 2008). Problemas no sono, pesadelos e terrores noturnos também podem ocorrer. E, ainda, comportamentos-problema, como agir de modo agressivo, apresentar choros, ataques de ira, comportamentos de birra, assim como o de desobedecer a pais e professores, bem como apresentar medo de pessoas ou lugares.

Quanto ao tratamento, Vasconcelos (2001) esclarece que na terapia analítico-comportamental infantil tenta-se promover um repertório comportamental

que possibilite a criança uma maior adaptação social. Nesse sentido, comportamentos que são inadequados passam a concorrer com comportamentos adequados que são modelados e fortalecidos no decorrer da intervenção.

Dessa forma, a modificação do comportamento deve envolver tanto o comportamento da criança, como os dos pais ou responsáveis, uma vez que o comportamento é função das variáveis ambientais. Entretanto, é importante destacar, assim como o fazem de Rose e Gil (2003), que há leis e princípios que se aplicam a todos os comportamentos operantes, não havendo diferença entre crianças e adultos.

Skinner (1953/1970) considera quaisquer condições que tenham efeito sobre o comportamento, uma vez que o comportamento não pode ser compreendido separado das características do contexto onde ocorre. Desse modo, para estudar os antecedentes e consequentes do comportamento utiliza-se da avaliação funcional.

Com o uso de avaliação funcional tem-se uma variedade de estratégias para identificar os antecedentes e as consequências do comportamento. A primeira delas é por meio de observação indireta, ou seja, entrevistar pessoas próximas ao indivíduo ou aplicar instrumentos, como questionários, escalas de graduação, etc. A segunda estratégia para coletar informações para a avaliação funcional é por meio da observação direta, em que se observarão e se descreverão os eventos antecedentes e as consequências imediatas do comportamento no ambiente natural por certo período de tempo (Iwata & Dozier, 2008; Martin & Pear, 2007/2009; Oliveira & Britto, 2011; O´Neil et al., 1997).

E, finalmente, procedimentos de avaliação funcional experimental, na qual o comportamento é observado enquanto os eventos do ambiente são manipulados. Essa estratégia recebe a denominação de análise funcional e complementa uma avaliação funcional (Iwata & Dozier, 2008; Martin & Pear, 2007/2009). Por meio de uma análise funcional os eventos ambientais são manipulados de forma sistemática para se testar experimentalmente o papel dos eventos antecedentes e consequentes controladores e mantenedores de comportamentos-problema. A partir da análise funcional é possível promover a manipulação de eventos ambientais, a fim de ensinar ao indivíduo habilidades necessárias, mas que estão ausentes ou prejudicadas em seu repertório (Goulart & Assis, 2002; Martin & Pear, 2007/2009). Pode-se afirmar, portanto, que a análise funcional colabora para o desenvolvimento de intervenções eficazes para modificação de comportamentos indesejados.

O presente estudo avaliou as condições que produziram e mantiveram comportamentos-problema, tais como fazer birra e desobedecer, emitidos por uma criança que foi abusada sexualmente. Para essa finalidade, foi usado o delineamento de múltiplas condições, envolvendo três das condições desenvolvidas por Iwata, Dorsey, Slifer, Bauman e Richman (1982/1994), como condições de *atenção*, *sozinho* e *controle*. As condições de *atenção* e *sozinho* foram divididas em outras subcondições.

Um segundo objetivo foi intervir nos comportamentos-problema com o uso do delineamento de reversão-replicação, no formato ABAB, seguido por *follow-up* para extinguir esses comportamentos e instalar comportamentos desejados.

MÉTODO

Participante

Participou deste estudo uma criança do sexo feminino, três anos de idade, cujos pais estavam separados residindo a mesma com a mãe. A participante apresentava classes de comportamentos-problema, como agressões físicas (e.g., tapas e mordidas) frequentes à babá e à mãe, não ficar sozinha em seu quarto e não brincar com outras crianças, além de problemas com sono e apresentar pesadelos. Quando saia de carro, agarrava-se à cadeirinha do veículo para não descer do mesmo, fazia birra e gritava alto obtendo atenção de terceiros. Crises de choro eram frequentes. Em casa, permanecia a maior parte do tempo em frente à TV. Voltou a usar fraldas não aceitando ficar sem elas nem mesmo durante o dia.

Seus pais se separam quando a participante estava com cinco dias de vida. Mãe e filha se mudaram para o interior do estado; o pai visitava a filha trimestralmente. Quando estava com dois anos, seu pai entrou com ação para regulamentação das visitas, e visitava a participante com frequência e, muitas vezes, permanecia em um hotel da cidade com a mesma. A mãe relatou que nessa época iniciaram as alterações comportamentais da participante. Para a mãe, os comportamentos-problema da participante não eram comuns antes do início do convívio com o pai. Quando a criança relatou que o pai colocou a mão e o pênis em sua genitália a mãe duvidou do fato, mas diante das mudanças no comportamento da filha, impediu o pai de ver a filha e procurou por ajuda psicológica.

Ambiente e Material

As sessões experimentais foram realizadas em dois ambientes: em um consultório psicológico de uma clínica particular e na casa da participante. Ambos ambientes foram equipados com uma filmadora instalada em um tripé o que permitiu registrar os comportamentos verbais e não verbais da criança. Também foram utilizados lápis de cor, jogos, caderno com gravuras, livro infantil, bonecas, cartolina, tinta, etc..

Procedimento

A pesquisadora solicitou autorização da mãe da criança para a realização da pesquisa, momento em que foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi considerado o critério de conveniência para seleção da participante.

Para realização da avaliação funcional dos comportamentos-problema da participante, fez-se uso de diferentes procedimentos, descritos a seguir.

I – Avaliação por observação indireta. Recorreu-se à entrevista de O´Neil et al. (1997), traduzida e adaptada por Oliveira e Britto (2011). As entrevistas foram realizadas com a mãe da participante, a professora e a babá, com a finalidade de identificar quais eram os comportamentos-problema da participante, e em quais contextos e momentos tinha maior ou menor probabilidade de ocorrer. O tempo de duração de cada entrevista foi de aproximadamente 40 minutos.

II. Avaliação por observação direta. Os dados de avaliação por observação direta foram obtidos por meio de registros em vídeo. Os comportamentos da participante foram observados durante uma semana em sua casa sendo duas sessões individuais de 10 minutos cada, e no consultório psicológico da pesquisadora, em duas sessões da criança na presença da mãe, de 15 minutos cada.

Desse modo, foram observadas várias classes de comportamentos-problema da participante. A participante chorava e gritava repetidamente. Pedidos para que parasse de emitir esses comportamentos não produziam os efeitos desejados: ela se comportava exatamente de modo oposto do que fora solicitado. Todos os que estavam com ela no ambiente poderiam ouvir falas inoportunas constituídas de várias palavras como se ela falasse para si mesma, mas com um volume de voz audível (e.g. "Eu tô nervosa, porque o papai lobo mau colocou o "p" e o dedo na minha "p").

III. Avaliação funcional experimental ou análise funcional. Para estudar os eventos antecedentes e consequentes que controlavam os comportamentos -problema da participante foi usado o delineamento de múltiplas condições com três condições principais: *atenção* manipulada em três subcondições: (1.1) atenção, ordenar, (1.2) atenção, contato físico e (1.3) atenção, comentário. A condição *sozinha* incluiu duas subcondições: condição (2.1) sozinha com demanda e condição (2.2) sozinha sem demanda. Também, uma condição de (3) *controle.* As sessões ocorreram duas vezes por semana, no consultório psicológico, tendo sido realizadas três sessões em um dia e três sessões em outro, com duração de cinco minutos cada, com intervalos de até 15 minutos entre uma sessão e outra. Todas as sessões foram registradas em vídeo. O delineamento, tal como foi aplicado, está detalhado adiante.

(1.1) *Condição atenção, ordenar*. Condição na qual a pesquisadora permaneceu no consultório psicológico por cinco minutos, sentada na poltrona ou no tapete em frente à participante, brincando com jogos ou desenhando. A cada emissão de comportamento de birra a pesquisadora parava o que estava fazendo, olhava nos olhos da criança e com voz firme, ordenava: "nome da participante, não faça isso". Em seguida, a pesquisadora voltava às suas atividades. O tempo usado para a disponibilização da atenção social foi de até 10 segundos.

(1.2) *Condição atenção, contato físico*. Condição na qual a pesquisadora permaneceu no consultório psicológico por cinco minutos, sentada na poltrona ou no tapete em frente à participante, brincando com jogos ou desenhando. A cada emissão de choros e gritos, a pesquisadora parava o que estava fazendo e tocava levemente com uma de suas mãos no ombro da criança e assim permanecia até que ela parasse com os choros e gritos. O tempo usado para a disponibilização de contato físico foi de até 10 segundos.

(1.3) *Condição atenção, comentário*. Condição na qual a pesquisadora permaneceu no consultório psicológico por cinco minutos, sentada na poltrona ou no tapete em frente à participante, brincando com jogos ou desenhando. A cada emissão de choro ou gritos, a pesquisadora parava o que estava fazendo, aproximava-se da criança e comentava "alguma coisa está acontecendo com você". Depois de fazer o comentário, a pesquisadora voltava às suas atividades.

(2.1) *Condição sozinha com demanda*. Condição na qual a pesquisadora entregou um caderno de gravuras e solicitou à criança que colorisse uma das gravuras. Em seguida, a pesquisadora ausentou-se da sala e deixou a câmera de vídeo ligada.

(2.2) *Condição sozinha sem demanda.* Condição na qual a pesquisadora solicitou à criança que a aguardasse por cinco minutos no consultório psicológico, que logo ela retornaria. Em seguida, a pesquisadora saiu da sala e deixou a câmera de vídeo ligada.

(3) *Condição Controle*. Nessa condição foram disponibilizados na sala experimental os materiais: bonecas, jogos, caderno com gravuras, lápis de cor, papel, balas e pirulitos. A pesquisadora informou à participante que ela poderia brincar à vontade. Dito isso, a pesquisadora se afastou da participante, sentou-se em uma cadeira, pegou um livro, abriu e aparentou lê-lo.

Para tratar as classes de comportamentos indesejados como fazer birra, desobedecer ou falar sobre o assédio sexual foi usado o reforçamento diferencial de comportamentos alternativos (DRA), cujo procedimento envolveu o reforçamento positivo de comportamentos adequados topograficamente diferentes dos comportamentos inadequados, combinados com a sua extinção (EXT).

Para o controle dos procedimentos foi usado o delineamento de reversão-replicação do tipo ABAB, seguido de *follow-up.* Os comportamentos inadequados foram observados e os dados da linha de base (LB-I) foram coletados em quatro sessões, com duração de 30 minutos cada, em quatro dias da semana, sendo duas sessões na casa da participante, e duas sessões no consultório psicológico, ocorrendo uma sessão individual e uma sessão com a mãe.

O programa de intervenção (INT-I) contou com duas sessões individuais no consultório psicológico e duas sessões com a mãe e, ainda, seis sessões individuais na casa da participante. Em seguida, foi retirada a intervenção, havendo um retorno à linha de base (LB-II), tendo sido realizadas uma sessão individualmente no consultório psicológico e uma sessão com a mãe e outra sessão na casa da participante. Após essa fase, foi reintroduzido o programa de intervenção (INT-II) com mais três sessões individuais. Transcorrido um mês sem contato com a participante, foram realizadas mais duas sessões de *follow-up*. Todas as sessões tiveram a duração de 20 minutos.

As INT-I e INT-II caracterizaram-se pelo reforçamento diferencial de comportamentos alternativos (DRA), disponibilizando-se o reforço positivo para os comportamentos alternativos desejados (e.g., brincar sozinha, não se intrometer enquanto a mãe realizava qualquer atividade, esperar por sua vez para obter atenção da mãe, falar sobre outros eventos diferentes do abuso sexual, entre outros), enquanto os comportamentos-problema (e.g., fazer birra, desobedecer, falar sobre o abuso sexual, entre outros) foram ignorados (EXT).

Linha de Base (LB-I e LB-II). As sessões da LB-I para o comportamento de birra tiveram início quando suas ocorrências foram registradas na folha de registro pela pesquisadora. Assim, todas as ocorrências de choro seguido de gritos que a criança apresentava durante as sessões foram registradas. A LB-I teve duração de quatro sessões. Nenhuma consequência era fornecida à participante após a emissão do comportamento de birra. A Linha de Base II (LB-II) seguiu o mesmo procedimento da LB-I, mas com duração de três sessões.

Intervenção (INT-I e INT-II). Reforçamento Diferencial Alternativo (DRA). Nessa fase a pesquisadora reforçava os comportamentos adequados emitidos pela participante com atenção social, ou seja, fazia contato visual com ela, sorria e dizia: “Muito bem, fico feliz quando você olha nos meus olhos e sorri para mim”. Quando a participante emitia comportamentos-problema, a pesquisadora desviava o olhar de sua direção e se afastava dela, um procedimento de extinção (EXT) e só voltava a interagir com a crian-

ça quando o comportamento-problema cessava. A fase de INT-I teve a duração de dez sessões e a INT-II, três sessões, todas registradas em vídeo.

Tratamento dos dados. A ocorrência do comportamento de birra emitido pela participante foi registrada, na *condição atenção,* caso o mesmo ocorresse após a pesquisadora: (a) dizer "nome da participante, não faça isso" *(condição atenção, ordenar),* (b) tocar no ombro da participante *(condição atenção, contato físico)* e (c) comentar "alguma coisa está acontecendo com você". Nas condições sozinha *(sozinha sem demanda* e *sozinha com demanda)* o comportamento de birra, caso ocorresse, seria registrado. Por fim, na *condição controle,* o registro seria feito quando da ocorrência do comportamento de birra enquanto a participante permanecesse com os itens reforçadores. Posteriormente, foram calculados os percentuais das classes de comportamentos-problema em todas as condições aplicadas no delineamento de múltiplas condições. Em seguida, foram registradas também as frequências das classes comportamentais desejadas e indesejadas que ocorreram durante o delineamento de reversão-replicação, seguido de *follow-up*.

Todos os dados coletados foram registrados em folhas de registros: continham cabeçalho com espaço para o nome das classes comportamentais, data e número da sessão. Para o delineamento de múltiplas condições foram colocados espaços quadriculados representando intervalos de tempo de 20 segundos e que totalizaram 15 intervalos. Dessa forma, seria possível obter três ocorrências das birras em um minuto. As ocorrências dos comportamentos de birra eram marcadas com um ponto (.) e a não ocorrência com um xis (x) nas folhas de registro. A escolha da duração do intervalo foi decidida pelas diretrizes das observações etológicas que sugerem intervalos curtos para comportamentos cuja frequência é alta.

Para o delineamento de reversão-replicação seguido de *follow-up* os dados coletados foram registrados em folhas de registros divididas ao meio, sendo que de um lado eram registrados os comportamentos adequados e, do outro lado, os comportamentos inadequados.

Teste de concordância. Durante a análise dos dados, contou-se com a colaboração de dois profissionais com experiência em observação para que fosse realizado o teste de concordância dos dados obtidos. Para cálculo do índice foi utilizada a fórmula padrão: [número de concordância / (número de discordância + número de concordância)] x 100. Foram analisadas 100% das sessões do delineamento de múltiplas condições e 100% das sessões, de cada fase, do delineamento de reversão-replicação seguido de *follow-up*. Nesse segundo delineamento, os cálculos foram efetuados em separado para os comportamentos adequados e para os comportamentos inadequados. O percentual de fidedignidade foi calculado para cada comportamento e alcançou um alto índice de concordância, 89% a 100%.

RESULTADOS

Os resultados obtidos pela entrevista de avaliação funcional sobre os comportamentos-problema da participante, a descrição dos eventos antecedentes e consequentes obtidos pelos procedimentos de avaliação direta e os dados obtidos por meio do delineamento de múltiplas condições e do delineamento de reversão-replicação seguido de *follow-up*, serão apresentados em forma de figuras e tabelas.

A Tabela 1 resume as informações obtidas por meio da entrevista para avaliação funcional realizada com as cuidadoras da participante. Os dados da Tabela 1 demonstram que a mãe da participante nomeou os comportamentos-problema da mesma como birras, desobediências e falas sobre o abuso sexual. A babá nomeou os comportamentos-problema da participante como birra e desobediência, comportamentos esses que ocorriam em várias condições, como resumem os dados da Tabela 1.

Tabela1 – Comportamentos-problema relatados pela mãe e pela babá da participante.

Comportamentos - problema	*Eventos que os desencadeiam*	*Reforçadores*
Birras: chora, grita, deita no chão e esperneia. Duração: até que sua vontade seja atendida. Frequência: várias ao dia. Tentativas de reduzir o comportamento: castigos, ou cumprir sua vontade.	Horário: qualquer horário, basta ser contrariada. Ambiente: principalmente em casa. Pessoas: mãe e babá. Atividades: quando eu (mãe) preciso ler, trabalhar, quando vou fazer unha, sempre que não posso dar atenção a ela.	
Desobediência Duração: uns 20 segundos Frequência: varias ao dia. Tentativas de reduzir o comportamento: castigo e conversar.	Horário: qualquer horário. Ambiente: todos. Pessoas: comigo (mãe) e com a babá. Atividade: sempre que eu (mãe) peço para ela não fazer algo, ela vai lá e faz.	Comestíveis: chocolate, pirulito, bala, refrigerante (Coca-Cola). Tangíveis: bonecas Barbie e pula-pula. Atividades: assistir DVD, ir à casa da tia, ao parquinho em frente de sua casa e à pracinha da Igreja.
Falar sobre o abuso Frequência: 2 ou 3 vezes por dia. Tentativas de reduzir o comportamento: eu (mãe) não consigo, aí acabo dando atenção para ela mudar de assunto.	Horário: qualquer horário. Ambiente: em casa. Pessoas: comigo (mãe). Atividade: sempre que suas birras não dão certo, ou quando estou concentrada em alguma coisa do trabalho ou na TV e também quando chega visita.	

Tabela 2 – Eventos antecedentes e consequentes aos comportamentos-problema.

Evento antecedente	*Comportamento da participante*	*Evento consequente*
Mãe e pesquisadora conversam.	P chora e diz: "Calem a boca, não quero que vocês conversem". Grita e se joga no chão.	Mãe: "Oh minha filha, por favor, é rapidinho o que a mamãe vai falar com a tia Marina".
O celular da mãe toca e ela atende.	P corre pela sala, abrindo o armário de brinquedos e jogando tudo o que vê pela frente, às gargalhadas.	A mãe desliga o telefone e corre em direção à filha para segurá-la.
Mãe fazendo unha com a manicure.	Gritos. P. fala que não quer ficar sozinha, chora, joga-se no chão e diz: "O papai colocou o "p" na sua "p".	A mãe levanta-se e vai em direção a filha: "A mamãe precisa fazer unha, escolha um brinquedo pra você?".
Pedidos para brincar com sua massinha. A babá e a mãe dizem que não, pois a sala acabara de ser limpa.	Choros e gritos por 23 segundos. Olha para a mãe e diz: "Hoje eu tô triste, porque lembrei que o papai colocou o "p" na minha "p"".	A mãe chora, abraça e coloca a filha no colo; adia a saída para o trabalho.
Com a babá brincando. A mãe liga e avisa a hora de parar de brincar.	P começa a chorar, joga-se no chão e diz: "Mas eu quero!" por 45 seg..	A babá liga para a mãe, que autoriza a continuidade da brincadeira.
Mãe pede que P guarde seus brinquedos.	P corre e pega mais brinquedos, espalhando-os no chão.	A mãe guarda os brinquedos.

Na Tabela 2, estão evidenciados os dados obtidos com as sessões de observação direta realizadas em diferentes momentos na casa da participante.

Por meio dos dados da Tabela 2 é possível notar que os comportamentos inadequados da criança eram reforçados tanto pela mãe, como pela babá.

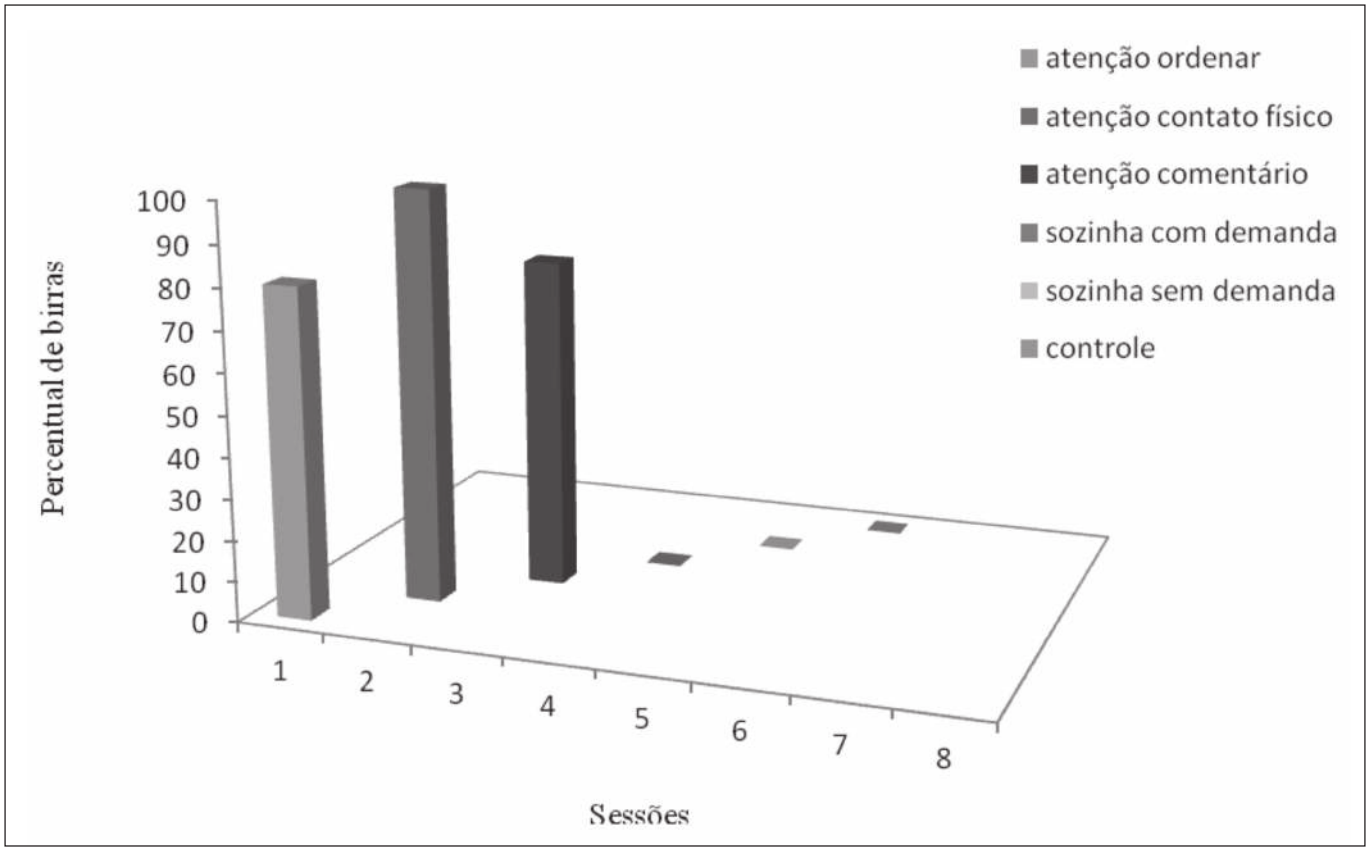
Os dados das condições que produziram e mantiveram os déficits e excessos comportamentais da participante estão resumidos na Figura 1.

A Figura 1 demonstra o percentual dos intervalos de tempo do comportamento de birra emitido pela participante nas várias condições do delineamento de múltiplas condições, entre elas, (a) condições de atenção: atenção, ordenar; atenção, contato físico; e atenção, comentário, (b) condições sozinha: sozinha com demanda e sozinha sem demanda e (c) condição controle.

Os dados da Figura 1 demonstram que nas condições de atenção: *atenção, ordenar* e *atenção, comentário*, o comportamento de birra ocorreu em 80% dos intervalos de tempo da sessão. Já na condição *atenção, contato físico* o comportamento de birra ocorreu em 100% dos intervalos da sessão. Nas duas condições de sozinha, *sozinha com demanda* e *sozinha sem demanda* e, ainda, na *condição controle*, não houve ocorrência do comportamento de birras.

Os dados da Figura 1 demonstram de modo inequívoco que as ocorrências do comportamento de birra nos intervalos foram altas nas três condições

Figura 1. Percentual dos comportamentos de birra nas diferentes condições.



de atenção: *ordenar, contado físico* e *comentário*. Porém, as subcondições de sozinha (*sozinha com demanda* e sozinha sem demanda) e *condição controle* não produziram os mesmos efeitos sobre o comportamento de birra da participante.

Para extinguir os comportamentos inadequados e instalar novos comportamentos adequados, foi utilizado o delineamento de reversão-replicação, no formato ABAB seguido por *follow-up.* Os dados dos comportamentos adequados e inadequados produzidos no delineamento de reversão-replicação estão resumidos na Tabela 3.

Observa-se que na LB-I, a frequência dos comportamentos inadequados (e.g., fazer birra, desobedecer ou falar sobre o abuso sexual, entre outros), permaneceu alta. Na primeira sessão, os comportamentos inadequados ocorreram 7 vezes. Na segunda tais comportamentos ocorreram 17 vezes, na terceira, ocorreram 26 vezes, e na quarta sessão 27 vezes.

Ainda nas sessões de LB-I, a frequência dos comportamentos desejados (brincar sozinha, não se intrometer enquanto a mãe realizava qualquer atividade, esperar por sua vez para obter atenção da mãe, etc.) comparada à frequência dos comportamentos indesejados foi baixa: 2 ocorrências na primeira sessão e 1 ocorrência tanto na segunda, como na terceira e quarta sessões.

Na fase da INT-I, a frequência dos comportamentos inadequados que sofreram intervenção foi nitidamente alterada em relação à LB-I, ou seja, os comportamentos inadequados reduziram de frequência, enquanto os comportamentos adequados aumentaram suas frequências.

A frequência dos comportamentos inadequados reduziu de 7 ocorrências na primeira sessão de LB-I para 2 ocorrências na primeira sessão da INT-I e chegou a ocorrência 0 na segunda sessão. Na terceira sessão da INT-I, foram registradas 10 ocorrências de comportamentos inadequados, na quarta sessão 8, e na quinta sessão 6, mantendo-se na frequência de 6 ocorrências na sexta sessão, seguidas por 3 ocorrências tanto na sétima sessão como na oitava, e nenhuma ocorrência na nona e décima sessões.

Em relação à frequência dos comportamentos desejados, este teve 8 ocorrências na primeira sessão da INT-I. Na segunda sessão da INT-I, foram registrados 12 comportamentos desejados, na terceira 11, na quarta sessão 13, na quinta sessão 10, na sexta sessão 12, na sétima e oitava sessões, 10 e 12, respectivamente, na nona, 15 e na décima sessão, 14. Tais dados estão resumidos na Tabela 3.

Encerrada a fase de intervenção, uma nova fase de linha de base (LB-II) foi realizada, exatamente da mesma maneira da LB-I, mas com três sessões. Para os comportamentos inadequados, observou-se que não houve nenhuma ocorrência nas sessões 1 e 2; apenas 1 ocorrência na sessão 3. Em relação aos comportamentos adequados na LB-II, foram registradas 35 ocorrências de comportamentos adequados, sendo 11 na primeira sessão, 13 na segunda e 11 na terceira.

Na fase de INT-II, foi registrado 1 comportamento inadequado, enquanto foram registrados 35 comportamentos adequados, sendo 12 na primeira sessão, 12 na segunda e 11 na terceira. Finalmente, após 20 dias foram realizadas duas sessões para o *follow-up*. Nessas sessões, que duraram 20 minutos cada, foi registrada 1 ocorrência de comportamento

inadequado. Na segunda sessão não foram registrados comportamentos inadequados. Em relação aos comportamentos adequados, foram registrados 23 comportamentos, sendo 10 na primeira sessão e 13 na segunda, conforme ilustrado na Tabela 3.

Para visualizar de modo mais adequado os dados obtidos no presente estudo, a Figura 2 apresenta as ocorrências de comportamentos adequados e inadequados em todas as fases do delineamento de reversão- replicação seguido de *follow-up*.

Tabela 3 – Frequência e percentual dos comportamentos adequados e inadequados nas fases do estudo.

Fase	*Números de sessões*	*Comportamentos adequados*	*%*	*Comportamentos inadequados*	*%*	*Total*
LB-I	4	5	6,25	75	93,75	80
INT-I	10	117	75,48	38	24,52	155
LB-II	3	35	97,22	1	2,78	36
INT-II	3	35	97,22	1	2,78	36
Follow-up	2	23	95,83	1	4,17	24

Figura 2. Frequência de comportamentos adequados e inadequados nas sessões.

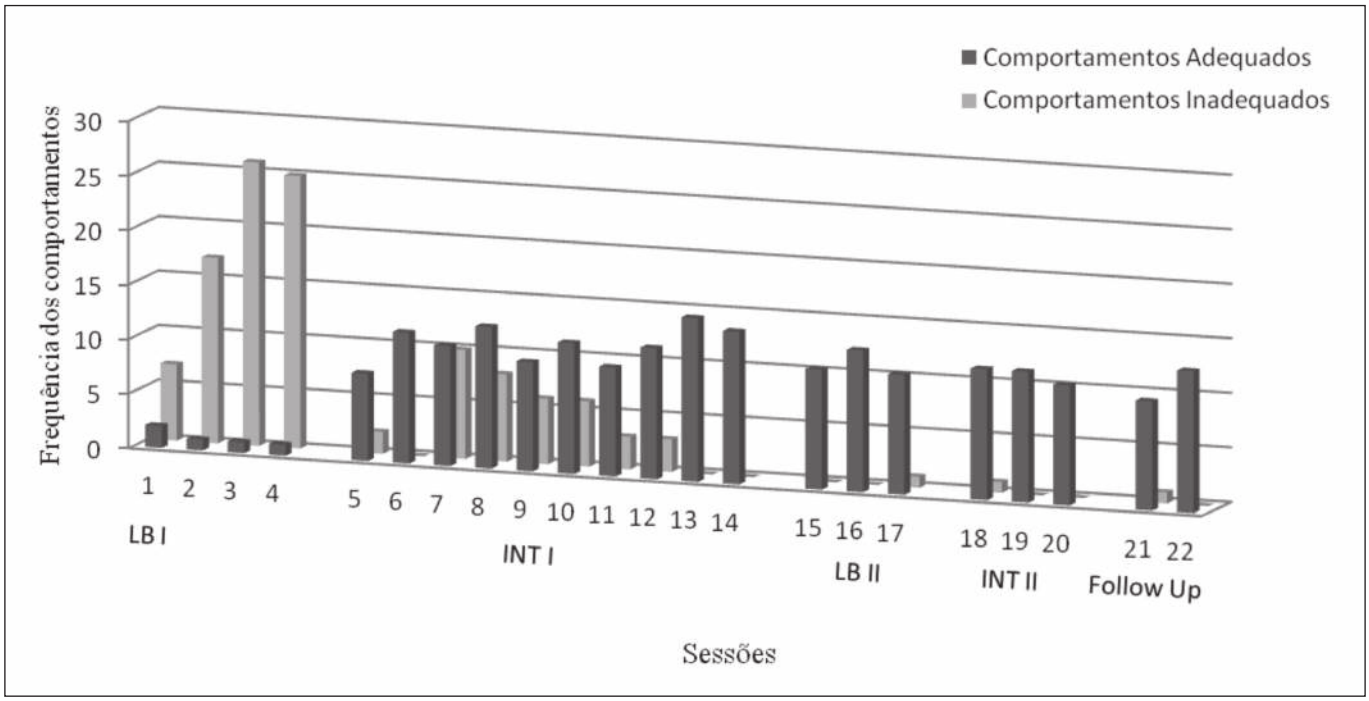
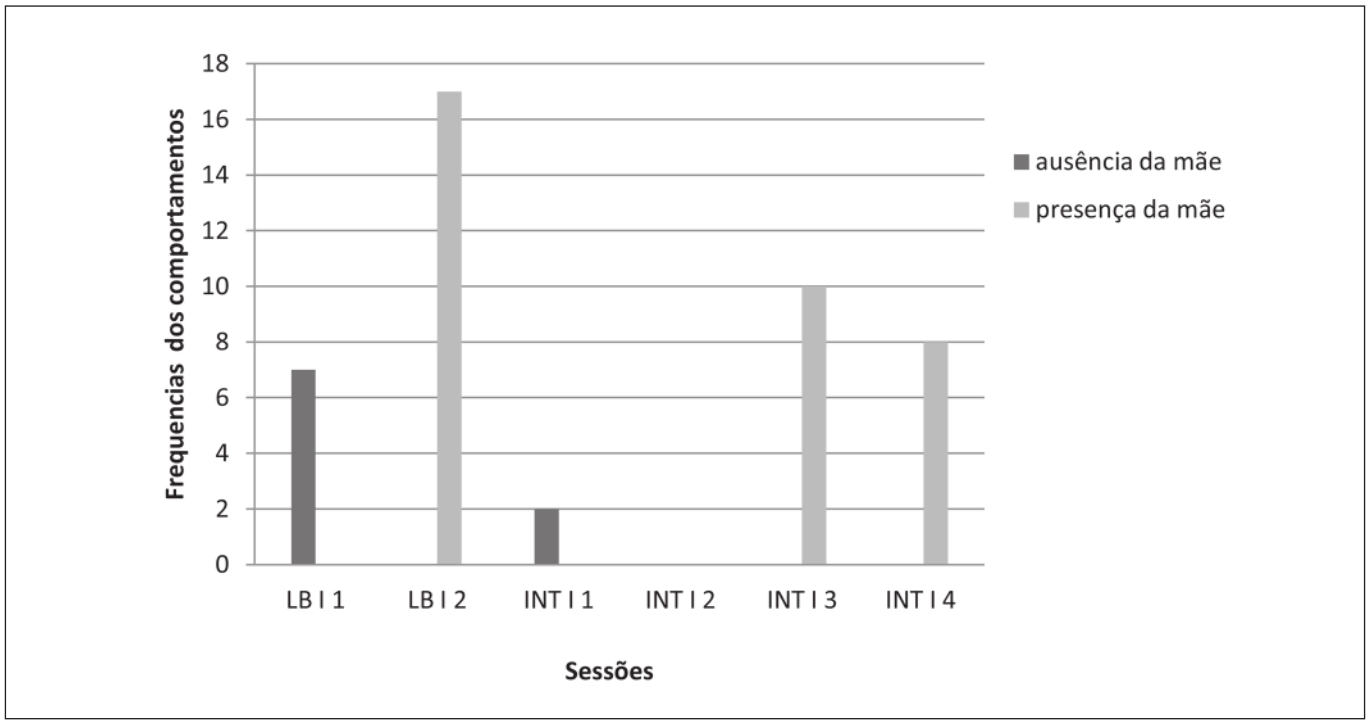


Figura 3. Frequências dos comportamentos inadequados e na ausência da mãe.



O delineamento de reversão-replicação do tipo ABAB seguido de *follow-up,* utilizado demonstrou que houve um aumento dos comportamentos adequados da participante e uma redução dos comportamentos inadequados durante as duas fases de intervenção quando comparadas com os comportamentos ocorridos na linha de base, conforme demonstra a Figura 2 do presente estudo.

Também é possível notar que na presença da mãe, os comportamentos inadequados ocorriam com maior frequência do que na ausência da mãe.

A Figura 3 permite uma melhor visualização da frequência dos comportamentos inadequados nas sessões de LB-I e INT-I realizadas no consultório psicológico na presença da mãe e na ausência da mesma.

Na primeira sessão de LB-I, na ausência da mãe, os comportamentos inadequados ocorreram 7 vezes. Na segunda sessão de LB-I, a mãe estava presente e os comportamentos inadequados aumentaram para 17 ocorrências. Na primeira e segunda sessões de INT-I, na ausência da mãe, os comportamentos inadequados tiveram frequência de 2 e 0, respectivamente. Já na terceira e quarta sessões de intervenção, na presença da mãe, os comportamentos inadequados aumentaram para 10 e 8, respectivamente.

DISCUSSÃO

O presente estudo avaliou as condições que produziram e mantiveram os comportamentos de uma criança que apresentava comportamentos inadequados como birras, desobediências e relatos de que fora abusada sexualmente pelo pai. Por se tratar de comportamentos que interferiam nas relações interpessoais, considerou-se a possibilidade de modificar as classes comportamentais inadequadas da

participante e instalar comportamentos alternativos mais adequados ao seu ambiente social.

Quando da entrevista, a mãe e a babá indicaram que os comportamentos inadequados da participante sempre ocorriam na presença da mãe. Quando a mãe se envolvia em atividades que não envolvessem a criança, ela dava birras e fazia o oposto do que lhe era solicitado, ou relatava o abuso sexual que sofreu. Segundo a babá, os comportamentos inadequados da participante ocorriam com mais frequência na presença da mãe do que com terceiros. Quanto à entrevista com a professora, essa relatou que a participante ficava "mais nervosa" quando a mãe a levava para a escola, dando birras e desobedecendo quando tinham que se separar. Mas, assim que a mãe saía a participante se voltava para as atividades que envolviam outras crianças. Sendo assim, optou-se por não realizar sessões na escola da participante.

As sessões de observação direta foram realizadas para identificar os eventos antecedentes e consequentes que controlavam os comportamentos inadequados da participante. Os dados foram coletados em um consultório psicológico e no ambiente natural da criança, visando a identificar onde, quando e em que circunstâncias os comportamentos inadequados ocorriam, com o intuito de comparar os dados das entrevistas da mãe e da babá com as informações obtidas pela observação direta.

Iwata e Dozier (2008) alertam para a necessidade de incorporar procedimentos de avaliação indireta (e.g., entrevistas, inventários, questionários), avaliação direta (e.g., obtenção de dados por observação) e avaliação experimental funcional na prática clínica. Isso porque ao incorporar procedimentos experimentais em suas intervenções, os analistas do comportamento oferecem uma resposta para a modificação de comportamentos-problema. Nesse sentido, foi utilizada a metodologia de análise funcional proposta por Iwata et al. (1982/1994), com a finalidade de testar experimentalmente se a apresentação de diferentes condições controlava os comportamentos-problema da participante. Foi fartamente comprovado pelos dados apresentados que a atenção social disponibilizada pelas cuidadoras controlava os comportamentos -problema da participante.

Ainda sobre os efeitos da manipulação da atenção social, os dados indicaram que entre as subcondições da condição de atenção, a *atenção, contato físico* produziu a maior ocorrência dos comportamentos inadequados. Porém, os dados desta subcondição não diferiram muito dos dados das outras duas subcondições de atenção (*atenção, ordenar* e *atenção, comentário*), o que sugere que todas as subcondições de atenção produziram altas taxas de comportamentos inadequados.

Em relação ao uso da metodologia descrita por Iwata et al. (1982/1994), para estudar os eventos antecedentes e consequentes de comportamentos -problema, as condições desenvolvidas de (1) *atenção*, (2) *demanda*, (3) *sozinho* e (4) *controle* foram usadas para estudar as autoagressões de autistas. No entanto, no presente estudo, foram delineadas três daquelas condições (*atenção, sozinha e controle)* que poderiam evocar e manter comportamentos de birra de uma criança que relatou à mãe que fora sexualmente abusada pelo pai. Usando condições nas quais os comportamentos de birra produziam *atenção* da pesquisadora, e outras condições *(condições sozinha e controle)*, sem consequências sociais, observou-se ocorrência do comportamento de birra nas três condições de atenção e não ocorrência de

birra nas duas outras subcondições sozinha, juntamente com a *condição controle*.

Realça-se que nas condições sozinha (*sozinha com demanda* e *sozinha sem demanda*) e controle, não houve a emissão de nenhum comportamento inadequado. Contudo, nos dados registrados em vídeo, observou-se que na condição de *sozinho sem demanda*, um esboço de birra foi iniciado: a participante posicionou-se topograficamente para a emissão do comportamento inadequado, mas antes foi até porta. Possivelmente, para conferir se havia a presença de alguém. Diante da constatação de que estava sozinha na sala, a criança "desistiu" de sua birra e foi engajar-se em outra atividade. Tais dados demonstraram que a atenção social era extremamente reforçadora para os comportamentos inadequados. Skinner (1953/1970) argumentava que o comportamento operante tem probabilidade de ocorrer apenas em ambientes nos quais ele tem probabilidade de ser reforçado.

Isto explica também o fato de os comportamentos inadequados terem ocorrido com frequência muito maior quando havia a presença da mãe, do que quando havia apenas a presença da pesquisadora. Sendo assim, na presença da mãe, os comportamentos inadequados aumentavam sua frequência em relação à frequência dos comportamentos inadequados emitidos apenas na presença da pesquisadora. Foi possível notar que na tentativa de fazer com que a criança parasse de emitir comportamentos inadequados, a mãe disponibilizava atenção social, o que fazia com que a criança fosse frequentemente reforçada em seus comportamentos inadequados.

Para intervir nas classes comportamentais inadequadas, foi utilizado o delineamento de reversão-replicação, no formato ABAB seguido de *follow-up*. O procedimento das fases de intervenção (INT-I e INT-II) envolveu a extinção dos comportamentos inadequados, combinado com o reforçamento de comportamentos alternativos adequados e mostrou-se adequado pelos resultados alcançados.

Notou-se que a atenção social contingente a comportamentos inadequados tinha eficácia reforçadora, pois a atenção não era disponibilizada contingente a comportamentos adequados. Assim, ao emitir comportamentos inadequados a participante tinha maior probabilidade de "produzir" alguma forma de atenção ainda que momentaneamente. Sendo assim, é possível deduzir que a atenção não contingente aos comportamentos adequados, isto é, a restrição da atenção, funcionou como uma operação motivadora alterando o valor da atenção e aumentando a probabilidade de ocorrência de comportamentos que produziam atenção social (Marcon & Britto, 2011), no caso os comportamentos inadequados (e.g., fazer birra, desobedecer, falar sobre o abuso sexual) como demonstraram os dados aqui evidenciados.

Os dados apontaram, ainda, que houve a extinção dos comportamentos inadequados, associada ao reforçamento diferencial positivo de comportamentos alternativos adequados (e.g. brincar sozinha, não se intrometer enquanto a mãe realizava qualquer atividade, esperar por sua vez, etc..): se houvesse emissão de comportamento inadequado, a atenção que mantinha tais comportamentos era retirada e quando havia a emissão de algum comportamento adequado, a atenção social era disponibilizada.

O delineamento de reversão-replicação no formato ABAB seguido de *follow-up* teve o objetivo de

intervir nas classes comportamentais inadequadas e foi utilizado após o delineamento de múltiplas condições; utilizou-se do reforçamento diferencial de comportamento alternativo (DRA), um procedimento que envolveu a extinção (EXT) de um comportamento-problema indesejável (e.g., fazer birra) combinada com o reforçamento de comportamentos desejáveis (Martin & Pear, 2007/2009).

Por ser uma intervenção realizada em ambiente natural, seja no consultório da pesquisadora ou na casa da participante, optou-se por um maior número de sessões da INT-I, que na INT-II. Os resultados da INT-I apontaram que os comportamentos inadequados da participante deixaram de ocorrer nas últimas sessões desta fase. Porém, por se tratar de uma pesquisa experimental em contextos clínico e natural, optou-se para a realização de mais uma LB-II, e mais 3 sessões de INT-II em que mais uma vez ficou demonstrado que o DRA para os comportamentos adequados e a EXT para os comportamentos inadequados controlaram o comportamento da participante.

Ao comparar os resultados das sessões da LB-I com os da INT-I, nota-se que já na primeira sessão da INT-I houve acentuada redução da frequência de comportamentos inadequados e um importante aumento de comportamentos adequados. Sendo assim, é possível afirmar que os comportamentos inadequados foram sensíveis à extinção, enquanto a atenção social foi um reforçador importante para o estabelecimento de comportamentos adequados.

Alguns dados relevantes nas sessões de intervenção (INT-I): na segunda sessão de intervenção, não houve comportamentos inadequados e na terceira sessão voltaram a ocorrer, mas nas sessões seguintes esses comportamentos foram gradativamente extintos. O que se pode afirmar em relação a esse fato é que na segunda sessão da intervenção a mãe da criança não estava presente, e na terceira sessão, houve a presença da mãe, confirmando-se mais uma vez que a atenção social disponibilizada pela mãe parecia constituir o evento reforçador mais forte para os comportamentos inadequados. Outro dado interessante foi um comportamento de birra ocorrido na segunda sessão de intervenção. A criança chorava e rolava no chão enquanto a pesquisadora ignorava estes comportamentos. Quando a criança olhou para a pesquisadora, pegou a caixinha de lenços, secou as lágrimas dizendo: “parei, agora você pode brincar comigo?”. Esse fato demonstra o processo de discriminação das contingências por parte da participante.

A mãe descreveu a filha como vítima: a criança que foi abusada. Avalia-se que o que a participante experienciou foi difícil sim, mas seus comportamentos inadequados foram modificados, como os de qualquer outra criança que não foi abusada, o que demonstra o controle exercido pelas contingências nas quais a criança está inserida. E a importância da participação da família na modificação dos comportamentos-problema da criança que pode limitar o sucesso conquistado com os procedimentos de intervenção, pois qualquer mudança na situação em que mãe e filha se encontram pode ser determinante para que a mãe passe a ver a filha como vítima e comece novamente o processo de reforçar seus comportamentos-problema. Futuros estudos que possam acompanhar a criança por um intervalo de tempo maior e continuar na intervenção com situações futuras que venham a surgir com a criança e com a mãe, até mesmo em uma futura reinserção do pai na vida da criança são sugeridos.

REFERÊNCIAS

Braum, S. *A*. (2002). *Violência sexual infantil na família*. Porto Alegre: AGE.

de Rose, J. C. & Gil, M. S. C. (2003). Para uma análise do brincar e de sua função educacional. Em: M. Z. S. Brandão; F. C. S. Conte; F. S. Brandão; I. Ingberman; C. B. de Moura; V. M. da Silva & S. M. Oliane (Orgs.) *Sobre comportamento e cognição. A história e os avanços, a seleção por consequências em ação* (Vol. 11, pp. 373-382). Santo André: ESETec Editores Associados.

Ferrari, D. C. A. (2002). *Visão histórica da infância e a questão da violência*. São Paulo: Ágora.

Goulart, P. & Assis, G. J. A. (2002). Estudos sobre autismo em análise do comportamento – aspectos metodológicos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 4,* 151-165.

Iwata, B. A., Dorsey, M. F., Slifer, K. J., Bauman, K. E., & Richman, G. S. (1994). Toward a functional analysis of self-injury. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(2), 197-209. (Reedição do *Analysis and Intervention in Developmental Disabilities*, 2, 3-20, 1982).

Iwata, B. A. & Dozier, C. L. (2008). Clinical application of functional analysis methodology. *Behavior Analysis in Practice, 1,* 3-9.

Marcon, R. M. & Britto, I. A. G. S. (2011). Operações motivadoras e atenção social: eventos relevantes para comportamentos-problema de esquizofrênicos. *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento, 2*(2), 192-202.

Martin, G. & Pear, J. (2009). *Modificação de Comportamento: o que é e como fazer*. Tradução organizada por N. C. de Aguirre. 8ª Edição. São Paulo: Roca. (Trabalho original publicado em 2007).

Oliveira, I. J. S. & Britto, I. A. G. S. (2011). *Síndrome de Down: Modificando comportamentos.* Santo André: ESETec Editores Associados.

O'Neil, R. E., Horner, R. H., Albin, R. W., Sprague, J. R., Storey, K. & Newton, J. S. (1997). *Functional Assessment and Program Development for Problem Behavior: A Practical Handbook*. Pacific Grove: Brooks/Cole.

Pires Filho, M. F. (2009). *Abuso sexual em meninos: a violência intrafamiliar através do olhar de psicólogo que atende instituições.* Curitiba: Juruá.

Skinner, B. F. (1970). *Ciência e Comportamento Humano.* Tradução organizada por J. C. Todorov & R. Azzi. 2ª Edição. Editora Universidade de Brasília e FUNBEC: Brasília. (Trabalho original publicado em 1953).

Sturmey, P. (2008). *Behavioral case formulation and intervention: A functional analytic approach.* New York: John Wiley & Sons.

Vasconcelos, L. A. (2001). Terapia analítico-comportamental infantil: alguns pontos para reflexão. Em: H. J. Guilhardi; M. B. B. P. Madi; P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.) *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a Variabilidade* (Vol. 7, pp. 340-350). Santo André: ESETec Editores Associados.

Williams, L. C. A. (2002) Abuso sexual infantil. Em: H. J. Guilhardi; M. B. B. P. Madi; P. P. Queiróz & M. C. Scoz (Orgs.) *Sobre Comportamento e Cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (Vol. 10, pp. 144-155). Santo André: ESETec Editores Associados.

Recebido em 30 de julho de 2012
Revisado em 10 de janeiro de 2013
Aceito em 1 de fevereiro de 2013